



A PESQUISA CIENTÍFICA PELO E SOBRE O SER HUMANO: IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS

Elisa Munhoz Cazorla¹; Eliane Sebeika Rapchar²

RESUMO: As pesquisas científicas em diversas áreas são elaboradas por pesquisadores e têm como argumento central seu objeto de estudo que, direta ou indiretamente, está relacionado à pessoas. Muitas vezes, essas pesquisas procuram a intervenção nos mais diferentes meios sociais. Este encontro pode ter resultados satisfatórios para ambos, pesquisador e pesquisado, ou também pode provocar incômodos e/ou frustrações. Para que a pesquisa científica alcance seus objetivos e traga desenvolvimento acadêmico ou social, algumas considerações sobre o objeto de estudo devem ser do conhecimento do pesquisador e sua prioridade. Saber quem é o objeto e o seu contexto social, econômico, cultural e histórico é indispensável para o sucesso da pesquisa. Desde o descobrimento do continente americano, sabemos do interesse em se determinar categorias para definir a espécie humana. Darwin, com seu livro *A Origem das Espécies* (1859), provocou o pensamento da época e tem sido, até nossos dias, essencial para o pensar sobre nossa espécie. As Ciências Humanas, especificamente a Antropologia, e várias áreas das Ciências Biológicas, tem como objeto de estudo o ser humano e seu comportamento e ambas buscam encontrar características universais que definam a espécie humana e a diferencie das outras espécies de animais não humanos. O diálogo entre as Ciências Humanas e as Ciências Biológicas poderá contribuir na busca por uma maior compreensão sobre a espécie humana. O objetivo deste trabalho é discutir e pensar em como intervir nas relações sociais, econômicas e culturais do ser humano para que os projetos sejam eficazes e seus objetivos alcançados.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia; Darwinismo; Pesquisa; Ser Humano.

1 INTRODUÇÃO

Como determinar o que é Ser Humano? Quando os europeus chegaram ao Novo Mundo e se defrontaram com seres nativos de uma terra absolutamente desconhecida, perceberam que eles e os nativos se pareciam muito, mas, ao mesmo tempo, eram completamente diferentes uns dos outros chegando ao ponto de, aos olhos daqueles europeus, esses nativos teriam mais afinidades com os animais não humanos do que com eles próprios, e aos olhos dos nativos, aqueles seres foram considerados divindades vindas de uma outra terra. Essas diferenças e similaridades tão evidentes levaram os desbravadores a questionarem se aqueles nativos pertenciam ou não à sua própria espécie. As terríveis atrocidades que se seguiram foram justificadas por se afirmar a

¹ Graduada em Ciências Sociais pela UEM. Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá. elisa.cazorlla@gmail.com

² Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Pós-Doutorado no IP-USP. esebeikar@hotmail.com

inexistência de alma entre os nativos, algo indispensável para determinar se um ser vivo era ou não um ser humano.

Definir o que significava ser igual ou diferente foi, e continua sendo, uma questão importante sobretudo, para determinar quais seres vivos fazem parte de direitos e deveres particulares de uma categoria e, a partir desta definição, estarão sujeitos às conseqüências de pertencerem ou de estarem excluídos dela.

As idéias que permeavam o meio científico e os inabaláveis dogmas religiosos que buscavam responder a essa questão, encontraram um aliado e um inimigo, respectivamente, no ano de 1859 quando Darwin publicou seu livro *A Origem das Espécies*.

A teoria da evolução das espécies é exaustivamente debatida nas várias áreas do conhecimento como as ciências biológicas, humanas e sociais aplicadas e não para de recrutar seguidores ferrenhos. Por outro lado, com essa mesma intensidade, vem provocar a discussão de dogmas e causar ojeriza em pessoas que preferem pautar suas explicações em diferentes matrizes filosóficas.

Mesmo assim, de uma maneira muito sutil, são as idéias evolucionistas de Darwin que vêm sendo ensinadas nas escolas e gerações de crianças têm aprendido que o ser humano é, ao mesmo tempo, um mamífero como outro mamífero qualquer, pertencente à espécie animal, porém é racional. Na escola aprendemos que o que diferencia o animal humano dos outros animais é que o animal humano é o único de sua espécie que pode pensar, é um animal aperfeiçoado. Por muito tempo esse parecia ser o grande divisor entre os animais e os humanos. E, ainda hoje, essa é a idéia vastamente aceita no senso comum.

Não encontramos grandes discussões no meio acadêmico científico que venham questionar a validade das idéias darwinianas sobre a origem humana. Entretanto, quando se trata da cultura e da vida social, é difícil encontrarmos algum cientista social que queira realmente saber como se deram os processos evolutivos e/ou adaptativos que permitiram ao ser humano a se tornar o que é (Rapchan, 2010).

2 MATERIAL E MÉTODOS

O pesquisador que busca compreender os meandros e os resultados das relações entre o ser humano e o meio social, cultural e histórico e os pressupostos biológicos e legais onde os seres humanos, de maneira generalizada, estão inseridos, não encontra um caminho metodológico muito fácil. O primeiro conceito que se deve levantar é a definição do ser humano a fim de entender as razões que o levam a se relacionar com o seu meio de determinada maneira.

O diálogo interdisciplinar pode ser entendido como um dos métodos que vem sugerir o acúmulo de conhecimento e possibilitar mais discussões que levarão ao avanço do conhecimento científico também neste sentido. As diferenças metodológicas e conceituais podem e devem existir, porém essas diferenças não impedem que cientistas de áreas distintas se familiarizem, conheçam e interajam com os conceitos e métodos que buscam explicar o mesmo objeto para que a compreensão e explicação dele sejam ampliadas. As ciências humanas e as ciências naturais buscam traçar uma definição para o conceito “ser humano” e apresentam pontos de vistas completamente diferentes, mas, interessantes e estimulantes. Em termos biológicos, seres humanos são os indivíduos pertencentes à categoria *Homo Sapiens*, munidos de habilidades universalmente comuns entre os desta mesma espécie. A partir desta afirmação, Tim Ingold nos estimula a questionar quais são esses denominadores comuns. Seria a linguagem? Os gestos? A emoção? O poder? A territorialidade? A hierarquia? A empatia? O afeto? Mas, não serão essas especificidades aprendidas apenas pelo convívio em sociedade? E se essas

características são aprendidas e passadas para a próxima geração, não serão elas parte da cultura de cada povo?

Propomos, portanto, uma reflexão sobre as importantes teorias que buscam definir o ser humano enquanto espécie e enquanto condição, tanto nas ciências humanas quanto nas ciências naturais a fim de obter uma maior compreensão sobre os aspectos que definem o ser humano enquanto ser biológico e ser social.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os antropólogos de diversas correntes teórica-metodológicas, concorda-se que cada povo é um povo singular, que possui especificidades culturais únicas e é exatamente isso, a rica diversidade cultural, que faz do ser humano uma única espécie, ou seja, é a única espécie que tem a capacidade de gerar símbolos, significados, ritos e rituais. Em outras palavras, a produção de cultura é uma característica comum entre todos os seres humanos, ou seja, a cultura é universal. Entretanto, chegar a um único conceito conclusivo sobre o que é cultura é um desafio intelectual exaustivo e quase impossível.

Em 1871, Tylor e mais tarde, seu seguidor Kroeber, definiram que “todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética” é cultura (Larraia, 1932). Não há grandes questionamentos sobre a cultura estar intimamente ligada ao aprendizado e ser o aspecto universal que define os seres humanos. Logo, deve haver algo em comum entre os seres humanos que possibilite ao mesmo tempo algo tão diverso, quanto a cultura ser, ao mesmo tempo o que coloca os seres humanos em pé de igualdade. É interessante pensar que aquilo que nos faz diferente uns dos outros, é o que nos torna iguais.

Tim Ingold, em seu texto *Da transmissão de representações à educação da atenção*, defende que os seres humanos são, na verdade, indivíduos capazes de aprender tradições culturais e passá-las para a próxima geração. A transmissão de informação cultural de geração para geração depende da presença de mecanismos cognitivos típicos da espécie (Ingold, 2001). E, como esses mecanismos foram adquiridos? É evidente que mesmos estes mecanismos poderiam ser aprendidos, mas para isso, habilidades cognitivas já deveriam estar instaladas para selecionar e processar esses mecanismos (Ingold, 2001). Logo, o autor supõe que essas habilidades cognitivas foram adquiridas através de variações genéticas e não culturais pelo processo darwiniano dentro de uma herança biológica comum da humanidade (Ingold, 2001).

Se concordamos com a teoria darwiniana que nos coloca como participantes de uma espécie que compartilha um antepassado comum com os grandes símios, tendo recebido a informação de cientistas que estudam esses seres, que são comprovadamente muito próximos dos seres humanos em suas informações genéticas e cujo comportamento analisado se mostrou, da mesma forma, muito similar, é importante que busquemos explicações sobre essas similaridades. Algumas capacidades cognitivas, provavelmente aquelas que nos possibilitam aprender e transmitir informações culturais, podem ter sido herdadas deste antepassado comum e estes grandes símios também a possuem em diferentes graus.

O diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento, neste caso, das humanas e das biológicas, o estudo das relações entre a espécie e a condição, entre seres humanos e ser humano, comparando-os com o nosso parente mais próximo em busca das características possivelmente herdadas de um antepassado comum com os grandes primatas não humanos, levarão ao mais amplo conhecimento e interpretação do ser humano e sua universalidade.

O temor e o estranhamento são consequências das pesquisas de campo quando confrontadas com o “outro” que é diferente de “mim”. O mesmo acontece quando esse

“outro” são as disciplinas de diferentes áreas, como as naturais, e esse “mim” são as minhas disciplinas já conhecidas e com quem eu me familiarizo e o lugar confortável para se dialogar chamado Ciências Sociais.

4 CONCLUSÃO

O diálogo entre as ideias clássicas e contemporâneas das ciências humanas e das ciências biológicas pode auxiliar na busca por um maior conhecimento sobre o ser humano e responder as questões sobre o que, afinal, definiria o ser humano.

A resposta a essa pergunta auxiliará na compreensão das diferentes relações que seres humanos travam com o seu meio ambiente, social, econômico, cultural, político, etc, permitindo, deste modo, que o pesquisador tenha um olhar objetivo e baseado em indicadores científicos ao buscar distinguir o que é julgamento de valor e as influências que o contexto histórico-cultural exerce sobre o ser humano e suas ações. Desta forma, se houver a necessidade de intervenção de instituições ou do Estado, ela ocorrerá de maneira contextualizada e dialógica que, conseqüentemente, produzirá resultados mais eficazes.

REFERÊNCIAS

INGOLD, Tim. From the transmission of representations to the education of attention. In: H. Whitehouse (Org.). **The debated mind: evolutionary psychology versus ethnography**. Oxford: Berg, 2001. p. 113-153.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura – um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar 2001. 113p Bibliografia 111p – 112p. ISBN 85-7110-438-7

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. Paris: UNESCO 1952.

LINTON, Ralph. **O Homem. Uma Introdução à Antropologia**. Ed. Martins Fontes 1981.

RAPCHAN, Eliane Sebeika. Sobre o Comportamento de Chimpanzés: O que antropólogos e primatólogos podem ensinar sobre o assunto? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 227-266, jan./jun 2010.